

## “Mais uma vítima”?: discurso do medo no Rio de Janeiro e a negação da dimensão simbólica da morte de Marielle Franco

"Just another victim"?: the discourse of fear in Rio de Janeiro and the denial of the symbolic dimension of Marielle Franco's death.

**Diana de Mello Ferraz Rocha Domingues**

**Autora**

[diana.ferraz.rocha@gmail.com](mailto:diana.ferraz.rocha@gmail.com)

Jornalista formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**Maria Helena Rêgo Junqueira**  
**Orientadora**

[mhjunqueira@globo.com](mailto:mhjunqueira@globo.com)

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora do Departamento de Fundamentos da Comunicação da UFRJ.

### Resumo

Diante do assassinato de Marielle Franco, este artigo busca investigar, através da análise de comentários no Twitter enviados ao programa “Estúdio I” nos dias posteriores ao fato, discursos redutores da figura da vereadora à categoria de “mais uma vítima da violência no Rio de Janeiro”. Com isso, explora de que forma o discurso imperativo do medo da violência urbana possibilitou a negação da dimensão simbólica do caso.

Palavras chave: violência urbana; psicologia social; discurso do medo.

### Abstract

In light of the murder of Marielle Franco, this article seeks to investigate, through the analysis of Twitter comments sent to the program "Studio I" during the days following the fact, the speeches that reduced the figure of the councilwoman to the category of "another victim of Rio de Janeiro's violence". Thus, it explores how the imperative discourse of the 'fear of urban violence' led to the denial of the case's symbolic dimension.

Key words: urban violence; social psychology; fear discourse.

## Introdução

Dentre os inúmeros acontecimentos perturbadores que irromperam no horizonte político e social do Brasil no ano de 2018, o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco foi um dos mais expressivos em termos de mobilização, comoção e incitação de debates. Desde o momento em que foi noticiada, a execução da parlamentar foi discutida, comentada, interpretada e analisada incontáveis vezes e em múltiplas plataformas. Além de virar assunto recorrente nas conversas casuais de cidadãos nas ruas do Brasil e do mundo, o episódio imediatamente virou tema frequente em artigos acadêmicos e jornalísticos, programas de debates na TV, aulas nas universidades e eventos culturais.

Além disso, o caso também incitou uma intensa mobilização nas redes sociais<sup>1</sup>. Para além das manifestações emocionadas de luto, a movimentação nesses espaços virtuais foi caracterizada por uma série de disputas narrativas – ou seja, embates entre diferentes tentativas dos atores sociais de explicar a morte da vereadora com base em suas próprias visões de mundo e opiniões sobre o problema da violência urbana no Rio de Janeiro. Assim, nos dias imediatamente posteriores ao assassinato de Marielle Franco, as redes sociais foram tomadas por diferentes “teorias” e comentários, que tentavam explicar e até apontar possíveis responsáveis e motivações para o crime, num momento em que nem mesmo a Polícia Civil do Rio de Janeiro havia se manifestado sobre as principais linhas de investigação do caso.

Dentre as muitas “explicações” para o caso que surgiram nesse período, este artigo toma como objeto de análise um fenômeno específico: diante da desinformação sobre o episódio, parte da opinião pública tentou explicar o assassinato da vereadora através do argumento da violência “incontrolável” que domina o Rio de Janeiro. De maneira generalista, em muitos comentários publicados nas redes sociais nesses primeiros dias, a culpa do assassinato de Marielle Franco foi atribuída à ideia abstrata da “violência urbana” da região.

---

<sup>1</sup> De acordo com levantamento feito pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da FGV (2018), entre as 22h do dia 14 de março, data do crime, até as 16h da sexta-feira, dia 16 de março, foram 1,16 milhão de menções ao assassinato no Twitter.

## A dimensão simbólica do assassinato de Marielle Franco

A repercussão de episódios de violência no Brasil, de acordo com a cientista social Elizabeth Rondelli, ocorre pelo fato de que esses revelam questões sociais que estão além dos limites dos espaços de sua ocorrência. Assim, a autora afirma que, ao serem transmitidas pela mídia, as imagens de tais episódios violentos fazem irromper no imaginário coletivo conflitos crônicos, “marcadamente sociais” (1998, p. 147) como, por exemplo, a existência de jovens e crianças moradoras de rua, a convivência complexa entre moradores de favelas, traficantes e policiais, etc. É nesse sentido que os atos violentos revelam sua dimensão simbólica.

Muitas são as facetas da dimensão simbólica da morte de Marielle Franco, o que talvez explique a enorme comoção gerada pelo episódio. Dentre as muitas argumentações possíveis – cuja totalidade seria impossível de se abarcar no espaço deste artigo – há a que indica que a morte de Marielle fere diretamente a prática da democracia, uma vez que se trata do assassinato de uma parlamentar no exercício de seu mandato. Outra argumentação dimensiona o tamanho da perda com base na multiplicidade das lutas da vereadora.

Por ser mulher, negra, homossexual, moradora de favela e ter sido mãe ainda adolescente, Marielle pertencia a diferentes grupos minoritários, historicamente oprimidos e de menor expressão em cargos políticos. Por ser ativista dos direitos humanos e vereadora, ela não só pertencia a tais grupos, como também os representava politicamente. Por esses motivos, como argumenta a jornalista Flávia Oliveira em seu artigo “Múltiplos assassinatos num só” – publicado no jornal O Globo no dia seguinte ao assassinato — a morte da vereadora não foi apenas física, mas também simbólica:

Tinha muitas camadas a Marielle. Foi vítima, por isso, de múltiplos assassinatos. Cada tiro atingiu uma pele. A pele da mulher negra. A pele da mãe. A pele da favelada. A pele da socióloga. A pele da defensora dos direitos humanos. A pele da representante eleita para a Câmara Municipal de uma cidade tomada pela brutalidade e pelo medo. Marielle teve o corpo abatido. Sofreu morte física, mas também simbólica. Numa só mulher, muitos significados (OLIVEIRA, 2018, p.1).

Em artigo sobre Marielle Franco, o cientista social e educador argentino Pablo Gentili resgata dados de diferentes instituições para demonstrar a quantidade de estatísticas em que a morte da vereadora se encaixa:

La noticia generó una secuencia de sentimientos superpuestos en gran parte de la población brasileña: el shock, el dolor, la incredulidad, la indignación, la rabia. Junto al mar de lágrimas vinieron los cánticos, la catarsis, los abrazos largos y fuertes, los puños bien cerrados y, por fin, los gritos. Gritos que salieron de las entrañas de miles de brasileñas y brasileños y que tuvieron eco en diversas ciudades en multitudinarias manifestaciones. Gritos que pedían justicia y multiplicaban las convicciones y luchas de Marielle por los derechos humanos, la voz de las favelas y de las mujeres, el combate al racismo y la desmilitarización de la policía. (GENTILI, 2018, p. 183)<sup>2</sup>

Uma vez exposta esta realidade, Gentili lamenta que a morte da vereadora Marielle Franco entre para as estatísticas explicitadas, aumentando estes números. Mas reforça que o caso não pode ser visto como um número a mais. De acordo com o argentino, a morte de Marielle tem um grande simbolismo por conta do que a vereadora enfrentou, representou e tornou visível, e também pela posição política que ela ocupava — a qual, lembra o autor, é “geralmente negada a mulheres jovens, negros e à população pobre e periférica” (2008, p. 183). Além disso, a dimensão simbólica da morte da vereadora amplia-se ainda mais com o entendimento de que sua execução foi motivada pelo desejo de silenciar suas lutas.

### **Negando a dimensão simbólica: Marielle como “mais uma vítima”**

Conforme introduzido anteriormente, para além das demonstrações de luto, nos instantes e dias imediatamente posteriores ao assassinato de Marielle Franco, as redes sociais tornaram-se palco de inúmeras disputas entre discursos que tentavam explicar o que havia acontecido na noite de 14 de março de 2018. Num momento em que não se tinha ainda muitas informações sobre o caso<sup>3</sup>, multiplicaram-se nesses ambientes virtuais “teorias” que apontavam possíveis causas, culpados e motivações do crime. Este processo se relaciona com o que Rondelli afirma ser uma tentativa dos atores sociais de tornar inteligíveis os atos de violência, quando estes atingem a dimensão pública.

---

<sup>2</sup>Tradução da autora: “A notícia gerou uma sequência de sentimentos sobrepostos em grande parte da população brasileira: choque, dor, descrença, a indignação, a raiva. Ao lado do mar de lágrimas, vieram os cantos, a catarse, os abraços longos e fortes, os punhos bem fechados e, finalmente, os gritos. Gritos que vieram das entranhas de milhares de brasileiras e brasileiros e que ecoaram em várias cidades, em numerosas manifestações. Gritos que exigiam justiça e multiplicavam as convicções e lutas de Marielle pelos direitos humanos, a voz das favelas e das mulheres, a luta contra o racismo e a desmilitarização da polícia.”

<sup>3</sup>Na noite do crime, a única informação que a Polícia Civil divulgou a respeito, foi a de que “tudo levava a crer” que se tratava de uma execução. As principais linhas de investigação do crime só passaram a ser publicamente divulgadas pela Polícia Civil posteriormente.

Segundo a autora, quando os episódios de violência deixam os locais “privados” de sua ocorrência, eles se encontram com instituições e discursos pré-existentes — as quais ela chama de “formações discursivas” (RONDELLI, 2008, p. 152). Este movimento de ir ao encontro de formações discursivas busca tornar os atos de violência, de alguma forma, mais “familiares”, articulando explicações e interpretações. Para isso, ao se depararem com a emergência de atos ou fenômenos compreendidos como violentos, os atores sociais procuram

ora enquadrá-los discursivamente em suas tradicionais categorias de explicação dos conflitos, ora avaliá-los a partir de novas interpretações capazes de dar conta da complexidade do fenômeno. Assim, o que se produz sobre a violência são representações múltiplas, discursos polifônicos, por vezes contraditórios, mas coerentes com requisitos institucionais diversos (RONDELLI, 1998, p.153).

Pode-se afirmar que muitas das representações produzidas sobre o assassinato de Marielle Franco nos primeiros dias após sua morte formaram-se através deste processo de enquadramento discursivo do episódio em categorias tradicionais de explicação de conflitos. Uma dessas categorias – que é o foco deste artigo – é aquela que explica episódios violentos através do argumento de que o Rio de Janeiro é uma cidade extremamente perigosa.

Nesse sentido, serão expostos a seguir alguns comentários publicados no Twitter nos dois dias imediatamente posteriores ao do assassinato de Marielle, e que refletem o tipo de discurso que se pretende analisar. Como recorte do objeto de análise, optou-se aqui pela coleta de tweets<sup>4</sup> enviados especificamente a um noticiário televisivo de alcance nacional. O noticiário escolhido foi o programa Estúdio I, exibido de segunda à sexta no canal de notícias 24 horas Globo News. O critério se baseia no fato de que o jornal é conhecido por abrir espaço para debates sobre as notícias, tanto através da presença de comentaristas, quanto pelo amplo espaço dado à questão da interatividade com os telespectadores – constantemente convidados a participar das discussões através do Twitter e de uma Central de Atendimento ao Telespectador.

Usuário A<sup>5</sup> 15 de mar  
Em resposta a @estudioi  
Um crime bárbaro que retrata fielmente a real situação do RJ, que perdeu por completo o controle da segurança pública do Estado.

Usuário B 15 de mar  
Em resposta a @estudioi

---

<sup>4</sup>Tweet é o nome das publicações feitas na rede social Twitter. Literalmente, o termo em inglês significa “pio de passarinhos”.

<sup>5</sup>Os nomes dos usuários foram omitidos para fins de publicação.

quem matou a vereadora foi violência incontrolável do Rio de Janeiro. o culpado não tem ideologia.

Usuário C 15 de mar

Em resposta a @estudioi @GloboNews

Boa tarde a todos. Até quando teremos que ficar ouvindo esse tipo de notícia? Nossos governantes não fazem nada. Ficam de braços cruzados. Até quando?

Usuário D 15 de mar

Em resposta a @estudioi @GloboNews

Meus sentimentos à família e amigos dessa moça. .. não é hora de postar sobre política ou dizer que foi lado A ou B ... é hora apenas de dizer basta de violência, estamos sendo todos levados ao abatedouro.. independente de cor, religião ou política... todos nós perdemos assim!

Usuário E 15 de mar

Marielle é só mais uma vítima, outras virão, não vi ninguém chorando a morte do motorista. #estudioi

Usuário F 15 de mar

A MORTE DE MARIELLE FRANCO NO RIO DE JANEIRO MOSTROU; AQUI NAO TEM DONO, NAO TEM LEI, NAO TEM RESPEITO, NAO TEM AMOR E SALVE SE QUEM PUDER A CHUVA E LAGRAMAS QUE CAEM AGORA, LEVA AS ESPERANÇAS DE VIVER EM UMA CIDADE EM PAZ EMBORA PEDIMOS SOCORRO #RJTV #Encontro #estudioi

Usuário G 16 de mar

Em resposta a @estudioi @GloboNews

Deram muita ênfase à morte da vereadora. E os demais mortos no Rio de Janeiro? O estudioi tava insuportável falando dessa morte especificamente. Q. Pena!!!!

A partir da observação dos comentários acima, é possível constatar que o verdadeiro foco desses discursos é o lamento pelo problema da violência no Rio de Janeiro. Há aqui, portanto, uma apropriação discursiva do assassinato de Marielle para reforçar o argumento de que o Rio de Janeiro se encontra num estado de calamidade pública, assolado por uma “violência generalizada” que só parece crescer. Tais discursos pressupõem o ofuscamento de aspectos relevantes do contexto do episódio. Não parece importar que a vítima era uma vereadora, que foi morta no exercício de seu mandato, ou que sua morte reforce o protagonismo de jovens negros e moradores de favela nos índices de vitimização por homicídios dolosos no estado. Nada disso parece relevante diante do fato de que se trata de “mais um” episódio de violência urbana que acontece no Rio de Janeiro. Pode-se constatar, portanto, que, através deste ofuscamento de detalhes e contextos do caso, a dimensão simbólica da morte de Marielle Franco foi negada por parte da opinião pública.

Dessa maneira, a vítima foi reduzida a “mais uma” diante da violência que “assola” o Rio de Janeiro, como é bem expresso no comentário do Usuário E que afirma que “Marielle é só mais uma vítima” e que “outras virão”. O usuário complementa o discurso dizendo que não viu “ninguém chorando a morte do motorista”. Ele se refere, evidentemente, ao motorista de Marielle, Anderson Gomes, que também foi morto no episódio. A frase é um exemplo desse “ofuscamento” que promove a redução: embora as duas mortes sejam igualmente trágicas no sentido humano, o maior “destaque” dado à morte de Marielle na mídia e na opinião pública se dá justamente por conta de sua dimensão simbólica.

Esta dimensão – que é negada pelo Usuário E – reside nas características diferenciadoras do evento da morte de Marielle em relação a outras mortes: como o fato de se tratar da execução de uma parlamentar no exercício de seu mandato, por exemplo. Seguindo a mesma lógica, o Usuário G também reclama do destaque dado no canal de notícias a este caso, e questiona: “e os demais mortos no Rio de Janeiro?”, de onde se pode presumir a adesão a uma crença de que todos estes crimes são iguais diante da realidade violenta do Rio de Janeiro.

## **O medo como “chave de leitura” dos acontecimentos**

Esta supressão de características diferenciadoras – que permite que Marielle Franco seja enquadrada discursivamente na categoria de “mais uma vítima da violência no Rio de Janeiro” – relaciona-se ao efeito que, segundo Luiz Eduardo Soares, ocorre quando o medo se torna “chave de leitura” (1996, p. 248) para os acontecimentos, processos e lógicas sociais. Esse processo, segundo o autor, é capaz de dissolver a diversidade destes, de forma a anular sua complexidade, neutralizar diferenças empíricas e culturais, chegando ao extremo de subordinar todo o conjunto da experiência social a um único modelo de significados. Este modelo,

cujo conteúdo político é notório, retrata o Rio de Janeiro, genericamente, como uma coletividade em ruínas, uma sociabilidade ferida de morte, uma institucionalidade cúmplice da cidade ilegal: imagem da desordem incontida e crescente. Aplicado a situações peculiares e fenômenos específicos, o modelo, como é de seu feitio, reproduz obsessivamente a mesma interpretação de fundo, graças ao artifício capcioso que transforma cada objeto e acontecimento em realização particular de uma essência, em expressão individual de um sentido invariante. (SOARES, 1996, p. 248).

O antropólogo explica a lógica que faz, por exemplo, num discurso, um arrastão ser frequentemente colocado lado a lado com uma chacina, como se tudo e todos se resumissem a

“farinha do mesmo saco”. Esta equivalência acontece, segundo o autor, quando o arrastão é entendido “a partir do imperialismo desta chave redutora, como a realização tópica do mal que consome o Rio: a violência selvagem, incontida e crescente, que prenunciara o ocaso da ordem civilizada, na cidade e no Estado” (SOARES, 1996, p. 248). O autor lembra que esse processo é responsável por estimular reações insensíveis às especificidades de cada acontecimento.

Seguindo a tendência homogeneizante e reducionista de interpretações cotidianas de que nos fala Soares, o Usuário B afirma que “quem matou a vereadora foi a violência incontrolável do Rio de Janeiro”. O usuário ainda afirma que “o culpado não tem ideologia”, numa tentativa de contrapor as disputas narrativas repletas de hipóteses que levam em conta os possíveis posicionamentos políticos dos autores do crime. É o que tenta fazer também o Usuário D ao dizer: “não é hora de postar sobre política ou dizer que foi lado A ou B, é hora apenas de dizer basta de violência, estamos sendo todos levados ao abatedouro”.

### **Breve narrativa da violência urbana no Rio: a construção da imagem de caos**

Esta lógica que transforma o medo em chave redutora de episódios violentos no Rio de Janeiro é advinda do processo de percepção social da região como um local extremamente perigoso, assolado pelos altos índices de criminalidade. A construção da imagem do Rio de Janeiro como um local de “caos urbano” deu-se ao longo das últimas décadas, conforme os episódios de violência na região cresciam de maneira mais significativa, e este crescimento tornava-se um dos principais problemas da agenda pública – processo que Silva chama de “produção da violência urbana” (2010, p.288) no Rio de Janeiro.

Ao final dos anos 70, a cidade do Rio e sua região metropolitana, bem como outras grandes cidades como São Paulo e Belo Horizonte, testemunharam ao mesmo tempo um aumento dos índices e uma mudança dos padrões da criminalidade urbana. Esta passou a se caracterizar, dentre outros aspectos, por um maior grau de organização social do crime. Tal mudança se consolidaria nos anos 80, “com a generalização do tráfico de drogas, especialmente da cocaína, e com a substituição de armas convencionais por outras, tecnologicamente sofisticadas” (LIMA et al., 2000; p.49).

Com o final do regime militar (1964-1985), como explica Silva, uma mudança de enquadramento na discussão sobre ordem pública ajudou a trazer o tema da violência urbana para o centro do debate público. Se no período militar, as discussões sobre políticas de segurança eram focadas em aspectos como autoritarismo, controle da informação, ideologia da



segurança nacional e luta contra organizações de esquerda, a partir do início da década de 1980, a temática ficou marcada por embates entre diferentes ideais de controle desta crescente criminalidade violenta.

Em torno desse novo tópico (violência urbana) se vem produzindo uma ampla e acalorada discussão a respeito de variadas propostas de políticas de segurança, sempre visando a recuperar a ordem pública, percebida como ameaçada – ou mesmo desfeita, nas posturas mais radicais que insistem na existência de um “caos urbano” – pelos atores definidos como responsáveis pela violência urbana. (SILVA, 2010, p.284)

Portanto, o processo de abertura política e redemocratização do país foi marcado por um aumento da percepção social da violência urbana nas grandes cidades, na medida em que este tópico se estabelecia como assunto principal na agenda pública. Além disso, o aumento do volume de crimes violentos passou a ganhar uma inédita visibilidade tanto no Rio de Janeiro, como em todo o país, principalmente através da imprensa, que começou a inserir e dar destaque ao discurso do medo e da insegurança urbana em suas publicações.

Nos anos 1990, a compreensão do tráfico de drogas como grande ameaça à segurança da população ressignificou a ideia de violência urbana no Rio. Neste período, também, uma série de episódios violentos, como arrastões, assaltos, tiroteios, chacinas e rebeliões em presídios marcaram o imaginário da época por conta de seus aspectos potencializadores da já instaurada sensação generalizada de insegurança. É nesse contexto que surge a representação do Rio de Janeiro como uma “cidade em guerra”, que não dá outra saída para a população a não ser escolher entre dois lados, uma vez que se tornou também uma “cidade partida” (VENTURA, 1994). Assim, segundo Leite, estrutura-se a “metáfora da guerra” (2012, p.379) no Rio de Janeiro, que tem, dentre outros elementos estruturantes, o dispositivo discursivo responsável pela polarização entre duas imagens: o cidadão honrado e trabalhador em um espectro e o inimigo favelado em outro, pouco importando que se trate ou não de um criminoso.

## **Violência urbana, medo constante e sensação de insegurança coletiva**

São resultados diretos do aumento da percepção social da violência urbana nas grandes cidades as sensações de medo e insegurança que permeiam as relações interpessoais e o cotidiano. No Rio de Janeiro, os altos índices de criminalidade, somados ao estabelecimento da “metáfora da guerra” e a reprodução da imagem de “caos urbano” (SILVA, 2010, p.284) na

região tornaram essas sensações uma espécie de estado de espírito “padrão” da população. De forma que se torna quase imperativa a ideia de que quem vive no Rio vive com medo.

Esta sensação generalizada de insegurança nas grandes cidades, ou seja, o sentimento de estar suscetível, a todo o momento, a um perigo, relaciona-se ao que Bauman chama de “medo derivado” (2008, p.9). De acordo com o filósofo, este medo, que é social e culturalmente “reciclado”, é responsável por reformar a percepção de mundo das pessoas, bem como as expectativas que guiam suas escolhas comportamentais. O “medo derivado”, portanto, age de modo a orientar o comportamento humano, independentemente de haver ou não uma ameaça imediatamente presente. Assim, “uma pessoa que tenha interiorizado uma visão do mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo” (BAUMAN, 2008, p. 9).

Para Silva, este sentimento difuso de medo, que está nas bases do discurso de existência de um “caos urbano” nas grandes cidades brasileiras – e mais especificamente no Rio de Janeiro – é um dos elementos integrantes do “complexo prático-discursivo da violência urbana” (SILVA, 2010, p.284). Para integrar tal categoria, segundo o autor, o medo difuso soma-se à percepção de “ausência do Estado” e a demandas por maior repressão e isolamento em relação àqueles que representam “o perigo da ruptura das rotinas cotidianas”.<sup>6</sup>

## **Mídia e reforço do discurso do medo e do “caos urbano”**

A imagem do Rio de Janeiro como uma coletividade em ruínas (SOARES, 1996, p. 248) – onde reinam o caos urbano, a violência generalizada e as sensações de medo e insegurança – enraizou-se no imaginário social com a ajuda indispensável do discurso midiático e sua forma de representar a violência urbana. Segundo Rondelli, o imaginário sobre violência é, em parte, efeito do excesso de tematização de episódios violentos na mídia, através das coberturas de casos e de debates sobre a natureza e as consequências do aumento do fenômeno. Segundo a autora, a forma como a mídia fala sobre violência vai influenciar na maneira como, a partir dela, atos violentos são interpretados e sentidos sociais são produzidos. Para ela,

---

<sup>6</sup>Nesta categoria, estariam incluídos não só os criminosos, efetivamente envolvidos com episódios violentos, como também, de forma estigmatizada, as populações que residem no que o autor chama de “territórios da pobreza” – que foram progressivamente criminalizadas ao longo do processo de expansão do crime violento nas grandes cidades brasileiras.

compreender a mídia não deixa de ser um modo de se estudar a própria violência, pois quando esta se apropria, divulga, espetaculariza, sensacionaliza, ou banaliza os atos da violência está atribuindo-lhes um sentido que, ao circularem socialmente, induzem práticas referidas à violência. (1998, p.149)

Para Porto, ao serem enfocados pelos meios de comunicação de massa, os fenômenos da violência tomam conta dos sentidos das pessoas na forma de “espetáculos”, que parecem ter o objetivo de sinalizar a barbárie, passando a impressão de que se está próximo a uma guerra civil. Segundo a autora, este processo ajuda a compor, dentro do imaginário social, um quadro mental de inquietude e caos generalizados na sociedade brasileira. Nas bases das representações midiáticas acerca do crescimento endêmico da violência, expressas através de suas narrativas e discursos, está o argumento da existência de uma grande crise no sistema de segurança pública, que estaria “imputada à carência e precariedade de recursos humanos e materiais e à baixa eficácia dos procedimentos, articulando causas estruturais a circunstâncias conjunturais” (PORTO, 2009, p.219).

No caso do Rio de Janeiro, alguns “mecanismos” da narrativa midiática colaboram para potencializar a sensação do medo e da insegurança, além de reforçar a imagem de um estado “tomado” pela violência. Segundo Vaz e Lissovsky, muitos destes mecanismos, utilizados em telejornais de âmbito estadual, por exemplo, ajudam a promover uma identificação entre a audiência e a vítima. É o caso do espaço dado, em matérias sobre crimes, para o testemunho daquela que os autores chamam de “vítima virtual” (2007, p.96) – ou seja, uma pessoa que tem como única relação com o incidente o fato de morar próximo ou frequentar o local da ocorrência do crime. Os autores sugerem que essa “constituição da audiência como vítima virtual” (VAZ & LISSOVSKY, 2007, p.96) configura uma eficaz estratégia midiática, uma vez que as notícias de crimes mais impactantes são aquelas que fazem o espectador pensar que tal situação poderia ter ocorrido — e poderá ainda ocorrer — com ele.

Em seu estudo, Vaz e Lissovsky identificam também um tipo de narrativa midiática em que predominam críticas a respeito de falhas na atuação de dispositivos estatais de segurança do Rio de Janeiro. De acordo com os autores, este tipo de discurso é responsável por transmitir uma ideia de aliança entre o poder dos criminosos e a ineficiência do Estado em proteger as pessoas — potencializando, assim, a sensação de insegurança. Através da repetição diária, segundo os autores, esse discurso é facilmente acolhido por parte da audiência como explicação para a situação atual da segurança pública: “A narrativa midiática propõe claramente uma separação entre o ‘nós’, constituído pelos indivíduos comuns assustados com a ‘violência

urbana’, e o ‘eles’, que compreende os bandidos e o Estado incapaz de prover segurança a seus contribuintes-clientes” (VAZ & LISSOVSY, 2007, p.96).

## **O assassinato de Marielle Franco representado através do discurso do medo**

Através de suas formas de representar os episódios de violência, o discurso midiático potencializa as sensações de medo e insegurança generalizados que permeiam o cotidiano nas grandes cidades. No Rio de Janeiro, é também essa constante tematização midiática da violência urbana e, conseqüentemente, a intensificação das sensações coletivas de medo e insegurança que permitem a manutenção da lógica social, explicada por Soares, que torna o medo da violência urbana “chave de leitura” (SOARES, 1996, p.248) para os acontecimentos. Pode-se dizer então que a imagem enraizada no imaginário social, de que o Rio de Janeiro configura uma localidade caótica, extremamente violenta, que vive uma verdadeira “guerra civil”, abre caminho para que o medo se torne uma lente, através da qual a população assimila e interpreta novos episódios que, de alguma forma, “toquem na ferida” do caos e da insegurança na região.

Conseqüentemente, este tipo de leitura e interpretação inspira e incita a produção de novos discursos sobre violência, que também estão calcados nessa lógica do medo generalizado. É o caso dos comentários coletados para a análise neste artigo, expostos anteriormente, em que as pessoas procuram explicar o assassinato de Marielle Franco com base no medo constante, ou “medo difuso” (BAUMAN, 2008, p.9), que sentem simplesmente por serem moradoras do Rio de Janeiro. Nestes comentários, é possível identificar a busca dos porta-vozes dos discursos por tornar inteligível o assassinato de Marielle através de um movimento que vai ao encontro de um tipo específico de “formação discursiva” (RONDELLI, 1998, p.152): aquela que afirma que o Rio de Janeiro vive um estado de “caos urbano” ou “calamidade pública” por conta da violência urbana.

Como visto, este “quadro mental de intranquilidade e caos generalizados” (PORTO, 2009, p.218.), que caracteriza os grandes centros urbanos, relaciona-se com a noção, reforçada pelo discurso da mídia, de uma crise generalizada da segurança pública do país. Daí a percepção de que as instâncias governamentais, que deveriam proteger e punir, não cumprem seu papel, ou seja, de uma “ausência do Estado” (SILVA, 2010, p.284). Este efeito coletivo de descrédito das instituições e a culpabilização do Estado pela violência está bem expresso, por exemplo, no comentário do Usuário A que afirma que o assassinato de Marielle foi um “crime bárbaro que retrata fielmente a real situação do RJ, que perdeu por completo o controle da segurança pública

do estado”. Outro exemplo é o comentário do Usuário C, que primeiro iguala o assassinato de Marielle a qualquer outro crime do Rio de Janeiro com a pergunta “até quando teremos que ficar ouvindo esse tipo de notícia?”, para depois afirmar que “nossos governantes não fazem nada, ficam de braços cruzados”.

A análise destes comentários evidencia também que os autores dos discursos se colocam na posição de vítimas da violência urbana no Rio de Janeiro. Uma vez que, no caso dos tweets analisados, muitos de seus autores podem consistir na audiência do programa com o qual interagem, identifica-se uma relação com a ideia de constituição, por parte da mídia, da “audiência como vítima virtual” (VAZ & LISSOVSKY, 2007, p.96). Como já visto, este processo é entendido como estratégia midiática, uma vez que torna a notícia mais impactante. Essa identificação é bem expressa no comentário do Usuário F, que afirma que a morte de Marielle mostrou que “aqui não tem dono, não tem lei, não tem respeito, não tem amor, é salve-se quem puder”. Situando-se na condição de vítima desse “salve-se quem puder”, ele afirma que a chuva que caía no momento da morte da vereadora eram lágrimas que levavam “as esperanças de viver em uma cidade em paz” e, ao final, pede socorro.

## Conclusão

O conteúdo produzido nas redes sociais sobre o assassinato de Marielle Franco, principalmente nos dias imediatamente posteriores ao episódio, configura um rico material de análise para o estudo do que se pensa, hoje, sobre violência urbana e segurança pública no Rio de Janeiro e no Brasil. Os comentários, discussões, disputas narrativas e até mesmo o compartilhamento de fake news<sup>7</sup> sobre o caso são altamente reveladores de aspectos do imaginário social sobre manutenção da ordem urbana em grandes cidades do país. Isso acontece justamente porque o assassinato de Marielle Franco – com a complexidade do contexto que o cerca e carregado de uma multiplicidade de detalhes diferenciadores – acabou por tocar em inúmeras feridas sociais.

No entanto, diante da análise feita neste artigo, é possível constatar que uma das muitas reações imediatas da opinião pública ao episódio foi construída justamente a partir de uma negação de toda esta – imensa – dimensão simbólica. A dissolução da diversidade do caso, a anulação de sua complexidade e a “neutralização de suas diferenças empíricas e culturais” –

---

<sup>7</sup>As disputas narrativas sobre o assassinato de Marielle Franco envolveram uma série de notícias falsas fortemente difundidas, que mencionavam, dentre outras coisas, supostas ligações de Marielle com o tráfico de drogas.

para usar as palavras de Luís Eduardo Soares (1996, 248) – foram resultado da reprodução de um modelo interpretativo que tem o medo constante da violência urbana como núcleo irradiador. Condicionada pelo imperialismo do discurso do medo, parte da opinião pública chegou ao extremo de apontar, direta ou indiretamente, a categoria abstrata da “violência no Rio de Janeiro” como “culpada” pela morte de Marielle Franco, golpeando de uma só vez seus muitos significados políticos e sociais.

É importante sublinhar que não se está afirmando aqui que o medo e a insegurança não são justificados, que o perigo não existe e que o Rio de Janeiro não está se tornando uma cidade cada vez mais difícil de se habitar. A sensação de insegurança de quem vive no Rio é real – e tem seus motivos de ser. Porém, torna-se essencial problematizar os limites do uso desse discurso do medo dentro do “circuito de produção de sentido” (RONDELLI, 1998, p.151), formado tanto pela mídia quanto pela opinião coletiva – que têm entre si uma dinâmica de “retroalimentação”. Cabe questionar aqui os perigos de um discurso do medo que se expande a ponto de tornar-se modelo interpretativo automático, vazio de critérios, e termina por reduzir o assassinato de uma parlamentar negra, homossexual, defensora dos direitos humanos e moradora de favela à categoria de “mais um caso”. Torna-se essencial questionar o perigo de se reduzir a imensidão de alguém como Marielle Franco à categoria de “mais uma vítima”.

O que este reducionismo representa diante da sociedade politicamente polarizada em que vivemos? Será que o reforço obsessivo do discurso do medo não coloca as pessoas numa cômoda posição de reclamação generalizada da situação política atual? Afinal, não é mais cômodo já saber do que se reclamar em qualquer ocasião, sem precisar ter a mínima intenção de se atentar aos detalhes, nuances e contextos dos acontecimentos? Até que ponto esse comodismo não desmobiliza a população para as reivindicações que realmente têm potencial de mudança do quadro social? Até que ponto o fato de se fechar os olhos para as características socialmente diferenciadoras dos casos permite a perpetuação de violências, discriminações e silenciamento de causas? Diante do panorama inicial traçado, são estas as provocações a serem respondidas em pesquisas interdisciplinares posteriores.

## Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- FGV. Diretoria de Análise de Políticas Públicas. *Morte de Marielle Franco mobiliza mais de 567 mil menções no Twitter, aponta levantamento da FGV DAPP*. Rio de Janeiro: mar, 2018. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/morte-de-marielle-franco-mobilizamais-de-567-mil-mencoes-no-twitter-aponta-levantamento-da-fgv-dapp>. Acesso em: 18 mar 2018.
- GENTILI, Pablo. Marielle Franco y el Futuro de Brasil. Esperanza o Barbarie. In: SEPTIEN, Rosa Campoalegre (Ed.). *Afrodescendencias: voces en resistencia*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires CLACSO, 2018, p.181-3.
- LIMA, R. K. de.; MISSE, M.; MIRANDA, A. P. M. Violência, criminalidade, segurança pública e justiça criminal no Brasil: uma bibliografia. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. v. L, 2000, p.45-123.
- SILVA, Luiz Antônio Machado da. Violência urbana, segurança pública e favelas - o caso do Rio de Janeiro atual. *Caderno CRH*. v. XXIII, n.59, 2010, p.283-300.
- OLIVEIRA, Flavia. Múltiplos assassinatos num só. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 15 mar 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/artigo-multiplosassassinatos-num-so-22492863>. Acesso em: 18 mar 2018.
- PORTO, Maria Stela Grossi. Mídia, segurança pública e representações sociais. *Revista Tempo Social*. v.XXI, n.2, 2009, p.211-33.
- RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência: práticas discursivas. *Tempo Social*, v.X, n.2, 1998, p.145-57.
- SOARES, Luís Eduardo. (Org.). *Violência e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- TRAVERSO-YEPEZ, Martha. Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social. *Estudos de Psicologia*. v.IV, n.1, 1999, p.39-59.
- VALENTE, Júlia Leite. Polícia Militar é um oxímoro: a militarização da segurança pública no Brasil. *Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP*. v.X, p.204-224, 2012.
- VAZ, Paulo; LISSOVSKY, Mauricio. Notícias de crime e formação da opinião pública: o caso do referendo sobre o comércio de armas no Brasil. *Logos*. v.XXVII, n.14, p. 89-107, 2007.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.